

A RELAÇÃO DO SUJEITO PERANTE A MORTE, NA VISÃO FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL

THE RELATIONSHIP OF THE SUBJECT TO DEATH, IN THE EXISTENTIAL PHENOMENOLOGICAL VIEW

Rayene de Fátima Vale dos Santos¹
Cesar Augusto Veras²
Raymmon Pablo Vale dos Santos³

Resumo: Este trabalho pretende abordar algumas notas sobre a temática da morte como uma das situações limites do ser e, como tal, um ponto de referência para o homem frente a própria existência. Podemos perceber que a morte é pensada e expressada de maneira diferente ao longo da história, e encontra-se hoje, na sociedade ocidental contemporânea, ainda como um tabu. Com isso, observa-se que a angústia e o medo diante da morte surgem da característica do ser-para-a-morte, onde o não-ser se mantém escondido pela tendência cotidiana de fugir de si mesmo, pois vive de maneira inautêntica. A angústia tem relação com a circunstância de ânimo, que é um fato principal do ser-aí, em fuga de si mesmo. Nesse sentido, é possível notar a necessidade de propostas no discurso social, educacional, pois o ser que confronta a morte e produz a mais positiva realidade a própria vida, seria o fato mais absoluto é consciente de existência.

Palavras-chave: Morrer. Ser-aí. Significação. Existência.

Abstract: This paper intends to address some notes on the theme of death as one of the limiting situations of being and, as such, a reference point for man when facing his own existence. We can see that death is thought and expressed differently throughout history, and is today, in contemporary Western society, still a taboo. Thus, it is observed that anguish and fear of death arise from the characteristic of being-for-death, where the non-being keeps itself hidden by the daily tendency to flee from itself, because it lives in an inauthentic way. Anguish is related to the circumstance of mood, which is a main fact of the being-there, in flight from itself. In this sense, it is possible to notice the need for proposals in the social, educational discourse, because the being that confronts death and produces the most positive reality the life itself, would be the most absolute fact is conscious of existence.

Keywords: Dying. Being-there. Meaning. Existence.

¹ Graduada em Psicologia pela Universidade Presidente Antônio Carlos e Pós-Graduada em GESTÃO PÚBLICA E GESTÃO DE PESSOAS pela Faculdade Futura. E-mail: rhaisantos@hotmail.com

² Bacharel em Filosofia pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) e Pós-Graduado (Lato Sensu) em Docência no Ensino Superior e em MBA Executivo em Gestão Empresarial pela mesma instituição. Pós-Graduado (Lato Sensu) em MBA em Gestão de Pessoas pela Universidade Norte do Paraná (UNOPAR) e em Ciência Política pela Universidade Cândido Mendes (UCAM). Cursando graduação em Teologia pela Pontificia Università della Santa Croce, em Roma (IT). E-mail: veras.cesaraugusto@gmail.com

³ Bacharel em Filosofia pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) e Graduando em Teologia pela Università Pontificia Salesiana, em Roma (IT). E-mail: raymmonpsantos@hotmail.com

Introdução

A discussão neste artigo é sobre a descrição de alguns dos elementos constituintes do fenômeno da morte e sua relação com o sujeito, diante da abordagem fenomenológica existencial, para suspender qualquer interpretação daquele que procura ajuda do analista. Falar sobre a morte é pensar sobre a vida, suas condições e a relação do sujeito com o mundo; tendo como objetivo acompanhar o fenômeno no seu modo de revelar-se, visando trazer o melhor manejo na compreensão do homem como ser, que tem o mínimo de liberdade e consciência, quando se fala da morte ou de si mesmo.

A morte é tão intrigante que, historicamente, na sociedade tradicional medieval, por exemplo, os cavaleiros morriam com honra e de maneira anunciada. Contudo, podemos notar que, no século XX, a morte se torna objeto de vergonha e proibição, onde falar sobre a morte na sociedade contemporânea ainda é um tabu, pois existe uma grande negação da própria finitude. Essa situação de negação é algo que acaba atrapalhando na diminuição da atenção e do cuidado aos que se encontram na fase final da vida.

Diante da palavra morte, o ser antecipa a sua angústia, que confronta o ser-aí com o seu ser mais próprio, surgindo a possibilidade de apropriar-se de sua maneira de ser mais próprio. No horizonte finito desse ser, abrindo a indigência de pensar a partir da adequada rearticulação do seu existir, o ser apresenta a possibilidade de singularização do ser-aí.⁴

Falar sobre a morte seria o ponto final, que se depara afastado do presente do ser-aí, que na maior parte das vezes é ocultado para si mesmo o seu poder ser, então, a morte surge como algo que não fala a respeito do ser-aí.

A finitude é uma estrutura da existência singular. A instância da angústia é característica do ser-para-a-morte, onde o não-ser se mantém escondido pela tendência cotidiana de fugir de si mesmo, vive de maneira inautêntica.

A existência humana é como o ser-aí em seu caráter de indeterminação, finitude do poder-ser. O homem e o mundo ocorre por uma originalidade, nas quais a existência se dá. O papel do analista é auxiliar na obtenção de possibilidades que aparecem, pois é somente o ser que procura o que te pertence.

O ser está numa relação dialética com o não ser, onde o não-ser é parte essencial do ser, e a morte é a maneira mais clara que ameaça o não-ser.

⁴ Segundo Rollo May (2000), “o homem (ou Dasein) é o ser em particular que tem de estar consciente de si mesmo, ser responsável por si mesmo, se pretende torna-se ele mesmo” (p.106).

Quando um paciente toma consciência e aceita sua finitude de forma menos dolorosa, ele então possui uma força superior onde seu ser se coloca de maneira autêntica no fato, e consegue ser responsável por sua própria existência. A consciência é o que distingue o ser humano dos outros seres, onde vive sua existência de maneiras diferentes.

O objetivo geral deste trabalho consiste em procurar compreender os sentimentos e angústias que afloram no sujeito diante da morte. Também buscaremos entender a visão do sujeito quando se depara com o leito de morte, e a partir de então, trabalhar os sentimentos de reação; identificar o sentido da finitude para as questões e crenças pessoais; apresentar maneiras de refletir sobre o fim da vida sem sofrimento psíquico; reestabelecer uma visão sobre a morte, independentemente da idade ou enfermidade, reintroduzindo a temática da morte no discurso das pessoas.

A escolha do tema se deu diante do sofrimento observado no acontecimento da perda, onde se perde a finitude, ou o vínculo com um ente querido, pois a morte é a única certeza que temos na vida, e quase sempre tratada num tom solene, pesado e temeroso.

Com isso, pretendemos discorrer sobre o assunto de forma diferenciada, trazendo a visão do sujeito perante a aceitação da morte, seus medos e angústias, seu adoecer psíquico, suas ações e reações. Enfim, como o sujeito se porta e suporta esse acontecimento. Sendo a pesquisa em formato qualitativo de cunho bibliográfico de obras e artigos. Permitindo ampliar os conhecimentos sobre o tema, com o propósito de conhecer mais sobre o impacto do tabu morte.

1. O olhar sobre a morte

O ser é aquilo que permanece complexo e infinito, de fator determinantes dentro de uma pessoa, a quem as experiências acontecem e que possuem o mínimo de liberdade, não importa quanto, para tornar-se consciente de que essas forças estão agindo sobre ela. Ser, significa estar consciente de si mesmo, ser responsável por si mesmo, ele sempre está em uma relação dialética com o não ser, o não-ser é parte inseparável do ser.

Ser-aí entre nascimento e morte; o ser- aí como um todo, em sua posição previa, sempre terá uma pendência a qual pertence o próprio fim do ser-no-mundo. Antecipar o fim, por sua vez, algo passível de se dar em meio a decisão, abre o espaço para que o ser-aí se conquiste na totalidade do fenômeno, porque a antecipação da morte revela plenamente o ser-aí na totalidade intransferível, intransponível e inexorável de seu sendo (FEIJO, 2011, p 40).

Falar sobre a morte na sociedade ocidental contemporânea não é uma tarefa fácil, sendo o tema ainda considerado um tabu. O assunto encontra-se numa negação da própria finitude, que acaba atrapalhando na diminuição da atenção e do cuidado aos que se encontram na fase final da vida.

A morte é a única certeza da humanidade e está ligada a ela por fatores biológicos inexoráveis. Para além disso, a morte é constitutiva do próprio homem em sua historicidade. Negar o fenômeno da morte é negar a própria finitude que constitui o homem como ser histórico e cultural, finitude essa em que o homem é, em um primeiro momento, um resultante. “É o homem que traz ao mundo o nada, e esse nada é que vive algo que não é si mesmo. Só aquele que contém o nada é que pode se preencher de mundo” (SARTRE, 1943, p.200).

O ser humano não tem como costume conversar sobre o fim de sua vida, muitas vezes não consegue ver que é uma realidade que todos terão que enfrentar. Logo, a pessoa que está a morrer não consegue introduzir a morte na sua mente. Muitas vezes, ninguém quer falar sobre o assunto e não percebe que é um processo natural de todos.

É necessário falar sobre o assunto desde muito cedo, incluir no discurso social e nas técnicas educativas, pois só assim o ser será capaz de conseguir enfrentar a morte com mais naturalidade e serenidade, para que o fim da vida possa ser vivenciado de maneira menos dolorosa.

Os ritos dessa passagem foram criados para se lidar melhor com a situação de crise, drama e mal-estar causados pela morte. Esses ritos permitem que, mesmo diante do desespero e da angústia, as pessoas consigam viver esse momento da melhor forma e no futuro consigam se reerguer, apesar da perda (OLIVEIRA, 2009).

Antigamente, a morte ocorria no domicílio, envolvido de amor e carinho. Em tempos atuais a morte domiciliar foi transferida para o meio hospitalar, tornando o morrer solitário. A própria sociedade conduz o ser humano a confiar e negar a morte do seu contexto diário, com isso contribui para uma ansiedade diante da morte, ocorrendo uma rejeição do fato.

A negação ocorre com mais intensidade em pessoas que estão na fase terminal, onde entram em estado de choque e verbalizam a impossibilidade do ocorrido. A negação da pessoa acontece como uma fuga diante da morte, a pessoa não quer aceitar o fato e vive a negação, com isto pode ir para uma fase posterior é levar para o isolamento pessoal.

A autora Kubler-Ross, em seu livro “Sobre morte e morrer” (2000), entrevistou 200 pessoas em fase terminal, e observou reações psicológicas na medida que se aproxima da morte. No entanto, ela concluiu que os doentes passam por algumas fases como:

- Negação e isolamento;
- Raiva;
- Negociação;
- Depressão;
- Aceitação.

O profissional de saúde tem que saber dedicar relacionamentos interpessoais com a pessoa doente, não deixando o ser mais isolado. Kubler-Ross (2000), diz que o doente em fase terminal que aceitou ajuda, consegue entender sua condição e, assim, morrerá em paz. É importante falarmos com veemência sobre a morte e o morrer nas nossas vidas, não criando subterfúgios, mas abordar o tema com clareza e ousadia. O fundamental é o desejo do doente em comunicar, partilhar sentimentos, desabafar ou apenas ouvir a reação que é de alívio e de mais esperança.

O profissional de psicologia contribui para uma melhor desocupação da morte e uma máxima sensibilização e humanização dos cuidados a prestar à pessoa no fim da vida⁵. O acolhimento é fundamental, principalmente no momento mais cinzento da vida dos familiares, que perde uma pessoa querida. A pessoa doente necessita de uma mão amiga que as toca, de alguém que a escuta com atenção. É de grande importância orientar que a morte, ao invés de ser um acontecimento terrível, passa a ser uma relação de humanização, se acompanharmos até o fim os que estão a morrer.

As experiências de sofrimento estão ligadas com a restrição do poder-ser, e sua superação provoca a desconstrução das assimilações proibitivas em que o ser-aí se afasta do seu ser-próprio, nestas relações o ente se apresenta constantemente em jogo com o seu ser. Muitas vezes não se posiciona e está acostumado com relações históricas. O ser-aí não ouve o chamado do ser-para-a-morte, por ouvir com sussurros frequentes e confusos dos boatos sociais. Logo, prefere não escutar o propago de sua própria finitude. O ser-aí completa o seu tempo, de tal modo que não escuta a sua consciência, que se pronuncia

⁵ Acerca disso, recomendo a obra da Dra. Ana Cláudia Quintana Arantes, denominada de “A morte é um dia que vale a pena viver: E um excelente motivo para se buscar um novo olhar para a vida”, onde ela aborda a experiência de cuidar de pacientes em estado terminal.

sobre sua angústia, proclamando a condição finita de todo ser-aí, porque não quer encarar este fato que ocorre com todos.

A maneira mais adequada e autêntica desse ente que, sendo sucessivamente colocado em jogo com o seu ser, faz necessário que esse se desvencilhe dos apontamentos da impessoalidade, que esconde o cuidado. Então, desentranhar a possibilidade de adiantar o seu ser-para-a-morte, ouvir a voz da consciência que transpõe, o ser-aí para provar o seu estar em débito, solicitando pelo poder-ser mais próprio.

Quando um paciente toma consciência da sua doença e aceita o seu ser de forma menos dolorosa, ele então possui uma força superior onde seu ser, se coloca de maneira autêntica no fato, e consegue ser responsável por sua própria existência. A consciência é a que distingue o ser humano dos outros seres.

Assim, compreender a finitude e temer a morte seria o mesmo que pensar em um futuro longínquo, pois não é determinável com exatidão, e causa um prejuízo irreparável no sujeito que eu sou.

Em relação à morte de uma criança, a família sofre muito, ocorrendo uma negação em aceitar o fato, o ser humano não concorda ao associar que a criança não viveu uma vida ainda. Com isso, surge uma dificuldade em desenvolver os mais novos a aproximarem-se da morte.

Para maior concepção, percebe-se a necessidade de abordar de um modo ativo a educação para discorrer sobre a temática morte, principalmente nos cuidados com o doente em fase terminal. Quando a morte atinge um ente querido ou a pessoa, começa então a reflexão sobre essa fragilidade que ocorre na vida, pois muitos pensam na contradição que ocorre além da morte (finitude).

Nesse sentido, é preciso falar sobre a temática da morte no contexto social, refletir sobre as questões e alcançar experiências de vida e de morte mais aceitáveis, para poder sensibilizar a vida comunitária e saber conduzir a morte como um fato natural para todos.

1.1. Fundamentação Teórica

Pensar em um projeto para a própria morte é o mesmo que pensar sobre algo que destrói a si mesmo, é uma expectativa de alguma coisa que lhe tira toda significação, ocorrendo na maioria das vezes uma negação da própria vida.

Segundo Oliveira (2009), historicamente, na sociedade tradicional medieval, os cavaleiros morriam com honra, de maneira anunciada, ou seja, o indivíduo era advertido

sobre sua morte, tinha total consciência de quando esse momento estava prestes a acontecer e se preparava para ele como quem se prepara para uma festa.

A morte era racionalizada e, a quem fosse justo, teria o direito a uma boa morte. Vivia-se a morte como parte integrante da vida sendo esse momento considerado como um fato social e público (OLIVEIRA, 2009).

Dessa forma, caracterizava-se a morte domada, considerada com muita naturalidade e na qual o indivíduo participava ativamente do seu processo de morrer. Havia inclusive a possibilidade de despedida, quando os indivíduos manifestavam seus sentimentos, arrependimentos e possíveis desejos para o momento do seu sepultamento (ARIÈS, 1977).

Nesse período, a morte temida era a repentina, não só porque não havia tempo para a despedida e nem para o arrependimento, mas porque o indivíduo era privado da possibilidade de condução da própria morte (ESSLINGER, 2004).

Todos os conceitos atribuídos a morte vêm com o desenvolvimento do capitalismo, que transformou o ser humano em uma máquina produtiva e saudável e, portanto, o adoecer e o morrer seriam então peças destoantes desse quebra cabeça, desencadeando assim a vergonha e a sensação de fracasso (COMBINATO; QUEIROZ, 2006).

O homem ocidental moderno encontra-se na estranha situação, depois de reduzir uma coisa qualquer a pura abstração, de ter de persuadir a si mesmo que aquilo é real. Essa situação tem muito em comum com o sentimento de solidão e isolamento que é endêmico no mundo ocidental moderno; porque a única experiência que nós permitimos acreditar como real é exatamente aquela que não é. Dessa forma, rejeitamos a realidade de nossa própria experiência (ROLLO MAY, 2000, p.102).

Percebe-se, portanto, que desde o início do século XX a morte se tornou objeto de vergonha e proibição e, por isso, ela não está presente nos principais discursos⁶. Somente

⁶ Acerca disso, Mariás (1999, p. 9-10) apresenta um relato interessante que corrobora a essa reflexão: “Preocupa-me uma situação frequente no pensamento de nosso tempo, e que se poderia chamar as “grandes ausências”. Quero dizer que há certas questões que se evitam sistematicamente, e que costumam ser das mais importantes. Anos atrás surpreendi-me ao notar que em uma excelente e extensa Enciclopédia não constava o artigo “Amor”. (Algum tempo depois comentei com seu diretor o que me parecia escandaloso, e pediu-me ele que escrevesse tal artigo para o Suplemento; senti-me obrigado e o fiz.) Isto levou-me a olhar algumas das mais ilustres Enciclopédias, sem excluir a *Britannica*, e encontrei a ausência de “Amor” em suas milhares de páginas. Em compensação, naquele admirável e velho Dicionario Enciclopédico Hispano-Americano, que se publicou entre 1887 e 1899 em vinte e cinco grandes volumes - e do qual costume socorrer-me em arribação forçada depois de consultar a mais presunçosa bibliografia em várias línguas -, havia um longo e minucioso artigo sobre o amor. Ocorre algo parecido com outros temas capitais: pessoa, vida humana, liberdade, morte (quero dizer morte pessoal, porque da biológica se faz menção). Isto dá muito que pensar. Por que se evitam as questões sobre as quais seria mais necessário orientar-se, acerca

no início do século XXI que esse tema começou a despertar maior interesse do meio acadêmico e a ser pesquisado por historiadores, antropólogos, biólogos, filósofos, psicólogos, psiquiatras e psicanalistas (TORRES; TORRES, 1983).

As crianças não pensam muito sobre a morte pois não tem consciência sobre o que seria. Já as pessoas com uma idade mais avançada, tendo habilidades físicas diminuída, enfrenta a solidão com anseios, sofrem as angústias do medo de ficar sozinho. Independentemente da idade, não é possível rejeitar a morte, sendo melhor aceitá-la com menor temor possível.

Criança até três anos reage com facilidade diante da morte de um dos pais, do que crianças mais velhas. A criança que tem um vínculo muito forte com os pais, pode ser que, com a perda dele surja sintomas como: a insônia, o choro e a regressão. Na visão de Kubler-Ross (2000), a origem de vários problemas que as pessoas têm, emergem na fase adulta, onde desencadeia crise de ansiedade, pesadelos persistentes, dentre outros. Isso ocorre por expressão de luto que não foi ultrapassado na infância. Um aspecto de grande importância seria que a criança acompanhasse de “forma mais banal” um familiar em fase terminal, pois contribui para uma afinidade mais benéfica com a morte, e ajuda a lidar com a perda em circunstâncias futuras.

Ainda que o homem, por seus próprios meios, arriscar em adiar o embate com os problemas, só conseguirá alterar as coisas quando começar a refletir sobre a própria morte. É difícil pensar na morte, pois é um assunto triste e solitário, mas que vai acontecer com todo ser humano. Salienta Rollo May (2000, p.106) que “o homem (ou Dasein) é o ser em particular que tem de estar consciente de si mesmo, ser responsável por si mesmo, se pretende tornar-se ele mesmo”.

O contato instantâneo com uma outra pessoa sobre sua existência é bem diferente, daquela que sabemos acerca dela, pois cada um vive sua existência de maneiras diferentes. O ser de outra pessoa pode abalar seriamente o sentimento da outra pessoa, gerando assim, ansiedade diante do desconhecido. Porém, se a pessoa tiver uma compreensão mais elaborada, ela vai saber distorcer melhor a outra pessoa, se defendendo de uma ansiedade. O contato instantâneo com uma outra pessoa sobre sua existência é bem diferente, daquela que sabemos acerca dela, pois cada um vive sua existência de maneiras diferentes.

das quais seria tão urgente saber a que se ater? Creio que isto tem causas complexas; desde logo, certo temor intelectual, a tendência de muitos intelectuais de nosso tempo a escapar quando deparam com um verdadeiro problema difícil de domesticar, de reduzir ao já conhecido.”

Quando a morte atinge um ente querido, o ser começa a refletir sobre essa fragilidade que acontece na vida, visto que muitas pessoas pensam na contradição que sucede além da morte (finitude). Para maior compreensão, entende-se que advém uma grande necessidade de exteriorização dos sentimentos quando existe a perda de alguém muito próximo, ou que cuidou do doente, pois, eles têm mais problemas emocionais.

Nesse sentido, o Analista existencial fala que o ser confronta a morte e produz a mais positiva realidade, isto é, a própria vida. A morte seria o fato mais absoluto, é consciente de existência, de outra maneira mais onipresente do fracasso no paralelo com o não ser esteja a relação de conformismo, ou tendências do indivíduo que se deixa absorver em atitudes e respostas coletivas. A negação ocorre quando o ser recebe a notícia que está na fase terminal, então entra em estado de choque e logo depois verbaliza a impossibilidade do ocorrido. A negação da pessoa acontece como uma fuga diante da morte, a pessoa não quer aceitar o fato e vive a negação. Tal atitude pode ir para uma fase posterior, levando a pessoa ao isolamento pessoal.

O fato único e crucial, melhor dizendo, é que o ser humano é aquele que sabe que irá morrer, que antecipa a própria morte. Consequentemente, a questão crítica é como ele se relaciona com o fato da morte: seja passando sua existência fugindo dela ou criando um culto de repressão ao seu reconhecimento, racionalizando crenças em progressos automáticos (ROLLO MAY, 2000, p.117).

Kierkegaard (2011), agrega que a angústia ocorre em uma classe que avança toda e qualquer seleção, na medida em que assinala para o modo de indeterminação da existência.

A finitude é uma estrutura da existência singular, a instância da angústia é característica do ser-para-a-morte, onde o não-ser se mantém escondido pela tendência cotidiana de fugir de si mesmo, vive de maneira inautêntica.

A angústia surge do nada, que é peculiar das ações humanas, onde ocorre em situação de ausência de conteúdo na consciência. Ela - a angústia - põe em jogo a concepção da finitude que engloba o caráter de nada da existência.

Contudo, falar sobre a própria morte é uma escolha que o indivíduo faz sobre si mesmo. Escolha essa, que para muitos se torna angustiante, não só para o próprio sujeito, mas também para a família, pessoas do convívio, amigos, entre outros. A morte tira a significação da vida; ela surpreende e suprime toda esperança de um futuro. No entanto, aponta-se a importância de refletir sobre questões e alcançar experiências de vida e de

morte mais aceitáveis para poder sensibilizar a vida e saber conduzir a morte como um fato natural para todos nós.

Considerações finais

O objetivo da reflexão diante da abordagem fenomenológica existencial foi de suspender qualquer interpretação daquele que procura ajuda do analista, para lidar com o fim de sua existência, com o foco de acompanhar o fenômeno no seu modo de revelar-se.

Diante do estudo fenomenológico existencial, o ser que confronta a morte produz a mais positiva realidade: a própria vida. A morte seria o fato mais absoluto e consciente da existência. Outra maneira mais onipresente do fracasso no paralelo com o não-ser, é a relação de conformismo, ou tendências do indivíduo que se deixa absorver em atitudes e respostas históricas da sociedade. Com isso, é preciso um melhor manejo na compreensão do homem como ser, que tem o mínimo de liberdade e consciência quando se fala da morte ou de si mesmo.

A possibilidade de adiantar o seu ser-para-a-morte é determinante, até certo ponto a absorção inicial no mundo. Portanto, é preciso apresentar fenomenologicamente, isto é, acompanhar em sua ocorrência, a possibilidade mais própria de seguir a antecipação de seu ser-para-a-morte, escutar a voz da consciência que ultrapassa o ser-aí para comprovar o seu estar em débito, pedindo pelo poder-ser mais próprio.

É importante refletir sobre questões e alcançar experiência de vida e de morte mais aceitáveis, para podermos sensibilizar a vida comunitária e sabermos conduzir a morte como um fato mais normal e próprio da condição humana.

Conclui-se, apontando a importância de reintroduzir a temática da morte no discurso das pessoas, para poder conscientizá-las dos seus medos e angústias. Na sociedade, poderia ser oportuno integrar a temática morte no contexto educacional e social como um todo, porque somente assim haverá uma aceitação da morte como parte complementar da vida, isto é, como um processo natural.

Referências

- ARIÈS, Philippe. **História da Morte no Ocidente: da Idade Média aos Nossos Dias**. Rio de Janeiro, RJ: Francisco Alves, 1977.
- COMBINATO, Denise Stefanoni; QUEIROZ, Marcos de Souza. **Morte: uma visão psicossocial. Estudos de Psicologia**, 2006. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/epsic/v11n2/a10v11n2.pdf>> Acesso em: 18 mar 2021.

- ESSLINGER, Ingrid. **De quem é a vida afinal?... Descortinando os cenários da morte no hospital.** São Paulo, SP: Casa do Psicólogo, 2004.
- FEIJO, A. M L. C. **A existência para além do sujeito.** I Ed. Rio de Janeiro: Via Verita, 2011.
- KIERKEGAARD, Soren Aabye. **O conceito de angústia.** Petrópolis: Vozes São Paulo: Editora Universitária São Francisco, 2011.
- KUBLER-ROSS, Elisabeth. **Sobre morte e o morrer.** São Paulo, SP: Martins Fontes, 2000.
- MARÍAS, Julián. **A felicidade Humana.** São Paulo, SP: Duas Cidades, 1989.
- MAY, Rollo. **A descoberta do ser: estudos sobre a psicologia existencial.** Rio de Janeiro, RJ: Rocco, 2000.
- OLIVEIRA, Eliana Caldas do Nascimento. **O Psicólogo na UTI: Reflexões sobre a Saúde, vida e Morte nossa de cada dia.** 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-8932002000200005>. Acesso em: 19 mar 2021.
- OLIVEIRA, M. M. **A morte: plenificação ou nadificação.** In: Poros, Uberlândia, Minas Gerais, v.1, n.1, p 51-62, 2009.
- SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica.** Rio de Janeiro, RJ: Vozes, 1943.
- TORRES, C. W., Guedes, G. W. & TORRES, C. R. **A Psicologia e a Morte.** Rio de Janeiro, RJ: Fundação Getúlio Vargas, 1983.

Recebido em: 14/09/2021

Aprovado em: 31/10/2022